

Maria de Fátima Sousa e Silva
Coordenação

Furor
Ensaaios sobre a
obra dramática
de Hélia Correia

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra
URL: <http://www.imp.uc.pt>

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

PAGINAÇÃO
Inova

EXECUÇÃO GRÁFICA
Inova – Artes Gráficas
Porto

ISBN
972-8704-94-1

DEPÓSITO LEGAL
247166/06

© OUTUBRO, 2006, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Maria de Fátima Sousa e Silva
Coordenação



uror

Ensaio sobre a
obra dramática
de Hélia Correia

CONTINUAR A ESCREVER

A literatura não se sente bem no mundo de que dispomos e a que chegámos.

Hélia Correia, de uma entrevista a Ana Marques Gastão
(*Diário de Notícias*)

Será porque criaram mitos, sínteses dilacerantes, será porque ainda nos perguntamos «porquê?» (porquê a guerra, porquê a lei, porquê a mudança, porquê a desobediência, porquê o abandono, porquê os sexos...), será porque eles responderam, mas também não responderam, perguntaram e perguntaram, deram palavras contraditórias, fizeram responder pensamento a pensamento, teatro, dilema, contradição, será porque só a espaços rasgados na incerta brutalidade do nosso tempo lhes ouvimos a voz, que não é uma mas são várias, sobrepostas vozes para sempre perdidas entre traduções e dicções longínquas, remotos sons sem música nem dança, será porque os queremos salvar da arqueologia, o certo é que os gregos (os trágicos) nos desafiam.

A continuar a escrever.

E escrevemos sobre o que escreveram e inventaram, sobre o modo como o fizeram, respondendo-lhes com o que podemos saber sobre nós. E recorremos às imagens que criaram, imagens doridas, pertinentes, estranhas, inquietantes, escrevemos sobre um tempo perdido da cidade e das vozes.

E sentamo-nos no Teatro de Dionísio, ao sol, e pensamos em nós.

Eu diria que foi porque escreveram que os gregos nos desafiam. Escreveram. E desafiam.

A continuar a escrever.

Escrever não é chegar ao fim, nem ao fim da História, à curva da pergunta, à foz, nem ao fim do percurso, é começar, é ir à nascente, escrever é começar.

E se continuamos a escrever é porque continuamos a começar?

Se, neste livro, se reúnem os possíveis e sérios estudos sobre um teatro, o teatro de Hélia Correia, é porque se continua a escrever a partir das já muitas metamorfoses da escrita que a autora - num período já longo, de 15 anos pausados que são os que vão de «Perdição» (1991) até esta «Desmesura», Medeia de agora mesmo – foi criando, somando, sobrepondo, colando por cima, irrigando com outra água, água de outra língua e de tempos aqui mesmo chegados, levando rainhas à cozinha, o êxtase à paródia, dando às Ménades o coro da sua Antígona, mulheres vindas de outras mulheres, revendo Sófocles com as «Erínias» na mão esquerda, do lado do coração, lado das «Bacantes» que tudo parecem ocupar, dançarinas, cozinheiras, domésticas e peregrinas, aias, amas, confidentes, velhas, irmãs perplexas.

Como se nunca se tivesse chegado às «Euménides», quando ainda as mulheres corriam pela montanha, uivo e dor, mas muito tempo depois...

Passa-se entre mulheres este teatro de Hélia Correia, mulheres, as que não votavam naquilo que os gregos inventaram, metade do céu que não dispunha de bolas brancas ou pretas em dia de decisão e poder, mulheres que ocupam o lugar central da tragédia mas para serem representadas por homens de máscara amplificadora.

E são as mulheres quem vive neste seu teatro de agora, eleitoras do seu destino, questionadoras, revendo o espelho, conversando. E estudando-o.

À arte da tragédia, Hélia Correia rouba o lamento, o canto, o êxtase, a invectiva, a paragem meditativa – e acrescenta a divertida arte da conversação, teia de tempos no gineceu de paródia que inventa e encontra. Para nossa perplexidade.

A perplexidade, mais do que a cura, eis o que este teatro – teatro incessante – nos propõe.

É que somos obrigados a continuar.

Porque ainda não chegámos ao fim, ainda não encontramos a paz, perpétua paz dos filósofos ou a cómica paz dos satíricos, ainda não parámos. E continuamos, por ora.

Incessante, disse, o teatro de Hélia Correia.

Espaçado, de cinco em cinco anos, de seis ou de dez em dez, o seu teatro obedece ao ditado que nos foi feito desde tempos antigos e fundadores: Hélia continua a escrita, continua a escrever.

Talvez seja só isso o teatro.

É que ele nunca chega ao fim: continua.

Imperfeito, inacabado, gesto que só começa e nem tem origem, insistência nocturna.

Talvez seja a Grécia em mim. Há tentativas múltiplas de a entender à luz da nossa lógica e ela escapa-se-lhe. É isso que estimula o meu convívio com os gregos todos os dias, algo da ordem do desejo.

Hélia Correia, de uma entrevista a Ana Marques Gastão (*Diário de Notícias*).

Tentativas múltiplas de a entender, diz Hélia. Por isso mesmo.

O meu convívio com os gregos todos os dias. Também.

E este convívio é continuar a escrever. Não se lhe vê nascente ou foz, apenas o fluir do rio, o rio que se move e ali está, movimento das palavras, que podem ser das personagens, de outros, de comentadores, literatos, estudiosos, doutorandos ou doutores, ensaístas ou professores: elenco de gente que continua, que continua a escrever.

Incessantemente, provisoriamente, por enquanto.

Jorge Silva Melo

Agosto 2006

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2006

